

QUATRO MINUTOS - UMA LIÇÃO PARA EFICIÊNCIA PARA O ESTADO

A cada quatro minutos, uma mulher é violentada no Brasil. A cada quatro minutos, há um seqüestro relâmpago nas ruas do país. Mas um governo - de Estado, da União - em quatro anos de mandato não consegue reverter as estatísticas da violência.

Léo da Silva Alves

Em Pernambuco, uma turista israelense foi gravemente ferida a bala em Olinda, durante o carnaval. O projétil perfurou o coração, que parou de bater; e tudo se encaminhava para um desfecho fatal. Pois foi aí que apareceu um médico, da *escola humanitária de medicina*, que, vendo o quadro de desespero, partiu para um recurso extremo: abriu o peito da moça e, com as suas mãos, massageou o músculo cardíaco por cerca de quatro minutos. A paciente, que já tinha indicativos de morte clínica, voltou a ter sinais de vida. O coração reagiu. Um mês depois, já caminhava pelos corredores do hospital e podia abraçar o médico que literalmente lhe resgatou da morte.

Vejamos, agora, outra situação. No ano de 2002, um garçom foi preso por policiais federais no Rio de Janeiro durante investigações sobre a morte de um colega. Na última imagem gravada, o homem apresentava integridade física e, assim, ficou sob custódia do Estado. Depois, só foi visto morto.

A barbárie teria chocado as autoridades em Brasília. O ministro da Justiça, à época, gastou cerca de quatro minutos diante aos repórteres de televisão para mostrar-se solidário. Não só falou em rigorosa apuração como disse ter recebido do então presidente Fernando Henrique Cardoso a notícia de que estava encaminhando as medidas formais para indenizar prontamente a mãe do falecido. Mulher pobre, com câncer, sustentada pelo filho, só dele dependia para lutar contra a doença. Um ano depois - exatamente um ano depois - a mísera mãe não recebera do Estado um único centavo. Mais seis meses depois, em março de 2004, morreu a míngua. Nunca viu aquilo que fora prometido pelo primeiro magistrado na Nação e anunciado solenemente em rede de TV.

Duas histórias, dois destinos. No primeiro caso, a presteza do atendimento modificou o resultado. Foram quatro minutos, com as mãos no coração, que fizeram diferença. No outro caso, o Estado usou quatro minutos de mídia para mostrar-se presente. Depois, sumiu.

Hoje, a vítima de um crime já pode obter o famoso *Boletim de Ocorrência* pela Internet. Leva quatro minutos. Mas a resposta do Estado é praticamente nenhuma.

Os dados são oficiais: a cada quatro minutos, uma mulher é violentada no Brasil. A cada quatro minutos, há um seqüestro relâmpago nas ruas do país. Mas um governo - de Estado, da União - em quatro anos de mandato não consegue reverter as estatísticas da violência.

O Estado é um ausente contumaz. É frio. Sem alma. Nas suas veias não corre o sangue da humanidade, mas papéis que se amontoam entupindo a saída de soluções.

Com o exemplo do medico de Pernambuco, viu-se que as soluções não são impossíveis. Nem mesmo diante à morte. O que falta é trabalhar com as mãos no coração.

Léo da Silva Alves é autor de mais de 30 obras, professor de Direito Administrativo e conferencista com trabalho integrado a juristas da Europa. Presidiu a segunda sessão plenária do XIII Congresso Mundial de criminologia. (leoalves@terra.com.br)

Brasília, 2004.